



Memórias em rede: as fotografias em ambientes virtuais

Memory in network: the photographics in virtual environments

Valdir Jose Morigi*

Luis Fernando Herbert Massoni**

RESUMO

Discute o papel dos ambientes virtuais a partir de postagens e compartilhamentos de fotografias em rede, responsáveis pela constituição da memória virtual sobre a cidade. Estudo qualitativo realizado em julho de 2014 analisa as informações que circulam no Flickr compartilhadas em Moinhos de Vento, Porto Alegre, grupo criado para mostrar, através de fotos, as características do bairro Moinhos de Vento. Conclui que as imagens fotográficas compartilhados em ambientes virtuais auxiliam na construção da memória da cidade.

Palavras-chave: Cidade e Imaginário; Flickr; Memória Virtual; Moinhos de Vento; Porto Alegre.

ABSTRACT

Discusses the role of virtual environments from postage and shared of photographs in network, in the constitution of the virtual memory about the city. Qualitative study conducted in July 2014, analyzes the information circulating on Flickr shared in Moinhos de Vento – Porto Alegre, group were created to show, through pictures, the characteristics of Moinhos de Vento district. Concludes that the photographic images shared in the virtual environments help forming a memory of the city.

Keywords: City and Imaginary; Flickr; Virtual Memory; Moinhos de Vento; Porto Alegre.

INTRODUÇÃO

Quando transitamos pelo espaço urbano, atribuímos sentidos e valores diferenciados aos elementos de sua paisagem, pois nossas experiências com ele moldam a forma como nos relacionamos com os lugares. A concepção que deles adotamos é diferente da realidade concreta, dependendo das informações que recebemos ou acessamos. A partir da relação intersubjetiva, construímos as representações sobre os lugares que, ao circularem em diversos suportes de informação, auxiliam-nos na produção de memórias da cidade.

* Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP). Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação (PPGCOM) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2705, 2º andar, Santana. CEP 90.035-007, Porto Alegre, RS. Telefone: (51) 3308.5116. E-mail: valdir.morigi@gmail.com.

** Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação (PPGCOM) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Bolsista Capes. Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2705, 2º andar, Santana, CEP: 90.035-007, Porto Alegre, RS. Telefone: (51) 3308.5116. E-mail: luisfernandomassoni@gmail.com.

O uso das ferramentas e dispositivos tecnológicos potencializa inúmeras interações, por meio do compartilhamento de informações com pessoas do mundo inteiro. A informação e a comunicação em rede ampliam a visão sobre os objetos, os acontecimentos e os fenômenos. Os dispositivos midiáticos originários da *web 2.0* possibilitaram àqueles que, até então, atuavam como meros consumidores, tornarem-se produtores de informação. Esse processo é multimidiático, pois são vários os recursos e as linguagens de que dispomos para nos expressar, tais como o texto, as imagens dos vídeos e das fotografias. Estas últimas adquiriram uma centralidade em nosso cotidiano, especialmente em ambientes virtuais – alguns dos quais criados apenas com o intuito de compartilhá-las, como é o caso do Flickr.

As fotografias fazem circular diversas representações sobre o mundo e suas relações. São olhares, enquadramentos que o sujeito faz da realidade, articulando e mesclando elementos ambientais sociais. A seleção dos ângulos e dos valores políticos, sociais e culturais interfere no ato de fotografar. A linguagem fotográfica é uma narrativa sobre a realidade social. Os processos de construção, reconstrução e mobilização da memória estão entrelaçados no ato narrativo, que, por sua vez, entrelaça-se com as representações.

Neste artigo, lançamos as seguintes indagações: o que as imagens fotográficas compartilhadas nos ambientes em rede potencializam? Como as narrativas fotográficas auxiliam na construção da memória virtual da cidade?

Para responder a essas questões, o presente estudo, realizado em julho de 2014, a partir de abordagem qualitativa, analisa o *Moinhos de Vento – Porto Alegre*, grupo criado no Flickr e que objetiva mostrar, através de fotos, as características do bairro. Nosso intuito é identificar quais representações sobre os lugares (prédios, ruas, casas, pontes, parques), bem como os demais elementos e situações cotidianas, são destacadas sobre o bairro Moinhos de Vento,¹ em Porto Alegre. As narrativas fotográficas enquadram as diversas memórias sociais, tanto individuais como coletivas. Compreendemos que as fotografias, ao serem publicadas e compartilhadas pelos usuários do grupo, auxiliam no processo de mediação da construção de uma memória virtual do bairro.

FOTOGRAFIAS PARTILHADAS NA REDE E A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA VIRTUAL DA CIDADE

Este estudo é embasado por uma perspectiva teórica que compreende a cidade para além da sua dimensão geográfica ou física, incorporando a dimensão subjetiva derivada das experiências dos sujeitos que nela vivem. Nesse espaço, forma-se uma rede simbólica na qual se estabelecem interações com os sujeitos entre si, com o ambiente e com os outros. Isso envolve a rede de sociabilidade na qual se constroem os sentimentos, emoções e sentidos formados a partir dessas relações sociais.

As representações sociais são construções simbólicas que se criam e recriam constantemente, por meio da sociabilidade. Para Maffesoli (1994), há uma sinergia

¹ A cidade de Porto Alegre possui 81 bairros oficiais, sendo o Moinho de Vento um dos mais antigos, criado pela Lei nº 2.022, de 7 de dezembro de 1959. Segundo o censo do IBGE de 2010, a população de Moinhos é de 7.264 moradores, distribuída em 3.127 domicílios (PORTO ALEGRE, 2014). É um bairro de 82 hectares (BISSÓN, 2009), de classe média, arborizado e residencial, com comércio de alto padrão, além de diversas opções de lazer, cultura e diversão, como clubes, *shopping*, parques, bares e restaurantes, considerados *points* da cidade.

entre espaço e sociabilidade, que se manifesta nos sujeitos por meio do sentimento e da experiência da vivência do mundo comum. Nele, os outros exercem um papel fundamental, pois são parte da constituição do mundo de que participamos.

Desse modo, a cidade como um espaço de sociabilidade é uma espécie de “meio” – condição que possibilita a existência da vida social e natural, ao mesmo tempo que acomoda as formas de ver o ambiente e os processos interativos do qual compartilhamos uns com os outros e nos habituamos a ver.

Conforme Maffesoli (1994), o território das cidades é constituído por uma série de “espaços de celebração”: lugares e espaços de sociabilidade onde se espalham uma rede simbólica no qual se emaranham as emoções e os afetos comuns solidificados pelo cimento cultural, sendo que “[...] eles são feitos para e pelas tribos que os elegeram como domicílio. Aqueles que os habitam transformam o espaço físico em ‘lugares emocionalmente vividos’” (MAFFESOLI, 1994, p. 65). Neles, ancoram-se representações que formam os mundos imaginais, sendo que cada lugar tem seu espírito.

A análise das representações do espaço vivido ultrapassa o modo dicotomizado de pensar a relação do indivíduo com a sociedade. Para Lefèbvre (1983), as representações se constituem do que é percebido, vivido e concebido pelos sujeitos sociais, em uma constante dialética que permeia os interstícios entre o vivido e o concebido. Salienta o autor que as representações são compostas de fatos, de palavras e de práticas sociais, o que caracteriza sua natureza psicossocial e também política.

Entretanto, conforme a abordagem de Lefèbvre (1983), o espaço vivido se caracteriza também como um lugar de ambiguidades e tensões sociais, no qual residem as representações, espaço cujos mundos se entrelaçam com os saberes instituídos, com as memórias, com os sonhos e com os imaginários. Nessa perspectiva, o vivido, por ser um cenário de práticas socioculturais e de sociabilidade – onde os sujeitos interagem e representam estas interações – constitui-se o espaço das relações sociais do mundo cotidiano. Nele, a casa, a rua, o bairro, a cidade, o país e o mundo são dimensões simbólicas que expressam as subjetividades dos sujeitos, construídas a partir das suas percepções sobre o mundo vivido, experimentado ou imaginado.

Como uma ação comunicativa, as representações abrangem as trocas simbólicas, as atribuições e uma compreensão em consonância com o contexto social que as recebe. Assim, as representações acabam se constituindo a partir de imagens veiculadas por um suporte qualquer. A sua construção, as suas imagens, os seus conteúdos e os seus sentidos estão vinculados às práticas socioculturais. O seu alcance prático pode ser objetivado através das “[...] propriedades do verdadeiro conhecimento, que diz alguma coisa sobre o estado do nosso ambiente e guia nossa ação sobre ele. É preciso, pois, estudá-las como conhecimentos sociais [...]” (JODELET, 2005, p. 41). Dessa forma, é possível entendermos sua ligação com os imaginários grupais e os comportamentos dos grupos e dos indivíduos.

Nessa abordagem, a linguagem possui particular importância, pois é através dela que os discursos se objetivam, colocando em prática os saberes e as experiências partilhadas dentro de uma mesma esfera cultural ou contexto sociocultural. As representações, os conhecimentos enquanto estruturas refletem os processos interativos entre os dados da experiência e os quadros sociais de sua apreensão e memorização. Por esse motivo, a dimensão social da comunicação precisa ser considerada, pois está presente em todo modelo do conhecimento.

As representações que constituem a memória são geridas por processos de mobilidade da própria memória e pelas transformações da subjetividade dos sujeitos sociais. As lembranças são fragmentos que resultam de diferentes camadas temporais em permanente mudança. A memória é produto do intenso e variado jogo das vivências e das interações sociais, das rememorações e das representações dos sujeitos, que são incitados sempre por novas situações e pelo fluxo dos fatos.

As representações sociais, ao mesmo tempo em que constituem o acervo da memória, são responsáveis pelo fornecimento de conteúdos que compõem os imaginários dos sujeitos, que se objetivam através das narrativas de um espaço vivido no presente (lugar onde se vive), no passado (momentos compartilhados, celebrações, entre outros rituais da vida coletiva) e também das expectativas sobre o futuro (projeções de um lugar a ser conhecido, experimentado).

As representações sobre os lugares da cidade e de um tempo experimentado ou vivido no seu espaço são responsáveis pela construção das diversas memórias sociais (individuais e coletivas) que circulam em diferentes lugares e suportes. O espaço urbano reflete a história, as marcas das intervenções sobre a cidade e os seus lugares e, ao mesmo tempo, possibilita ações de múltiplas leituras a partir das redes intertextuais e seus atravessamentos de sentidos em disputa que circulam pelo espaço citadino.

Conforme Certeau (1994, p. 176), “[...] os jogos dos passos moldam espaços. Tecem os lugares, onde [...] os processos de caminhar podem reportar-se em mapas urbanos de maneira a transcrever-lhes os traços (aqui densos, ali mais leves) e as trajetórias (passando por aqui e não por lá)”. Desse modo, as múltiplas formas de ler e de trilhar os espaços das cidades vislumbram a diversidade de formas de representá-las e imaginá-las, uma vez que as narrativas sobre a cidade são sempre parciais e relativas a um recorte selecionado pela própria memória, possibilitando a construção de diversas narrativas que confluem para inúmeras redes de sentido que agem no imaginário e nos trajetos urbanos.

Nas cidades, interagimos uns com os outros e com o próprio ambiente – interações estas que interferem na construção dos imaginários acerca do espaço urbano. Esse é um processo marcado pela subjetividade, pois não representamos a cidade como ela é, mas como imaginamos que ela seja.

Sendo assim, a cidade precisa ser estudada tendo em conta como ela é e como seus cidadãos imaginam que ela seja. Os locais são guardiões de memórias, e o contato com eles interfere em nossos atos de lembrar e esquecer:

Mesmo quando os locais não têm em si uma memória imanente, ainda assim fazem parte da construção de espaços culturais da recordação muito significativos. E não apenas porque solidificam e validam a recordação, na medida em que a ancoram no chão, mas também por corporificarem uma continuidade da duração que supera a recordação relativamente breve de indivíduos, épocas e também culturas, que está concretizada em artefatos (ASSMANN, 2011, p. 318).

Como afirma Roxo (2011), a interação com os diferentes meios de comunicação nos permite uma nova forma de imaginar e de interpretar a realidade, que gera uma memória virtual, tendo o potencial de nos vincular ou nos distanciar do mundo. Desse modo, concordamos com Vannini (2011), quando alega que as TICs transformaram a capacidade produtiva do ser humano ao mesmo tempo em que aceleraram a comunicação e geraram novos espaços para a produção de cultura. Vivemos em um mundo marcado pela tecnologia, onde o patrimônio também se encontra no virtual,

tendo uma presença na ausência, tornando-o desenraizado e com a mobilidade característica da contemporaneidade (ARARIPE, 2004).

O acesso, a criação e a recriação da cultura estão imersos em significação, pois compartilhamos o que nos interessa e da forma como concebemos. Desse modo, ao partilharmos uma informação nos ambientes virtuais, demonstramos nossa visão sobre o mundo. Nesse processo, incluem-se textos, vídeos, fotografias, bem como os demais produtos midiáticos disponíveis em rede. Esses artifícios são úteis no compartilhamento de nossas representações, que, entre outros assuntos, abrangem as memórias que construímos a respeito do espaço urbano.

Percebemos o destaque da fotografia como uma fonte de informação sobre as representações que os cidadãos constroem acerca do espaço urbano, uma vez que a imagem fotográfica não necessariamente relata o real. Embasamos-nos na afirmação de Vieira (2013), ao salientar que as câmeras fotográficas e seu *software* (cada vez mais moderno) não são utilizados pelos fotógrafos para registrar de maneira fidedigna o mundo real.

Desse modo, a fotografia tece uma história, que é o oposto da ideia de um “congelamento” do real, pois se entrosa de maneira dinâmica com as necessidades do processo social (MARTINS, 2008). O foco do fotógrafo não é o registro do mundo visível, e sim a exploração de novos olhares e representações do mundo – que são possíveis através dos aparelhos fotográficos e seu *software* (VIEIRA, 2013). Nessa perspectiva, as imagens fotográficas também se entrelaçam no processo cognitivo ao articularem as produções mentais e as dimensões materiais e funcionais da vida coletiva, transformando a concepção da produção social dos conhecimentos e a sua relação com as práticas. Embora as fotografias não contenham elementos textuais explícitos, não necessariamente representam a realidade tal qual ela é, tendo em vista que as compomos através da escolha de um determinado ângulo, mesclando elementos do ambiente, com baixa ou alta resolução, bem como outras escolhas inerentes ao ato de fotografar.

A fotografia contribui [...] para a semantização do monumental. Com efeito, é cada vez mais pela mediação de sua imagem, por sua circulação e difusão, na imprensa, na televisão e no cinema, que esses sinais se dirigem às sociedades contemporâneas. Eles só se constituem signo quando metamorfoseados em imagens, em réplicas sem peso, nas quais se acumula seu valor simbólico, assim dissociado de seu valor utilitário. Toda construção, qualquer que seja o seu destino, pode ser promovida a monumento pelas novas técnicas de “comunicação” (CHOAY, 2006, p. 22).

A fotografia serve como registro, tendo funções técnicas e artísticas, mas também faz parte do lazer e da memória. Desse modo, ela “[...] pode contribuir para desvendar aspectos do imaginário social e das mediações nas relações sociais, que, de outro modo, seriam encarados sociologicamente com maior déficit de informação” (MARTINS, 2008, p. 36).

Sendo assim, entendemos que ao compartilharmos fotografias que representam a cidade, dividimos com os outros as nossas visões sobre ela. Ou seja, através delas, virtualizamos nossas representações sobre o ambiente urbano. Essas imagens povoam, através das lembranças, nossa memória, e incidem sobre o cognitivo. A memória depende da construção cultural dos indivíduos – resultado das múltiplas experiências, sociabilidades e lembranças de cada um de nós, influenciando na construção de nossos princípios e valores éticos e culturais, pois salienta Gondar

(2005, p. 25) que “[...] não existem [...] memórias fora de um contexto afetivo”. Para a autora, ela é concebida como um processo no qual as representações coletivas interferem na sua construção.

A memória conserva os vestígios de algo que pertence a uma época passada, e, a partir dela, o ser vivo remonta no tempo, relacionando-se com o seu passado, de sua espécie ou de outros indivíduos (POMIAN, 2000). É a partir dela que exercitamos a capacidade de repetir comportamentos aprendidos. Ressuscitamos impressões, saberes e sentimentos vividos, e por conta dela podemos descrevê-los (POMIAN, 2000). Entretanto, é uma ilusão pensar que a memória nos conduz a uma origem autêntica, mesmo em nível pessoal (GASTAL, 2006), pois ela é construída em um constante ato de lembrar e esquecer.

A memória elucida o sentimento de pertencimento que temos com uma comunidade ou grupo social, atuando como um fenômeno que cria vínculos entre os indivíduos. A tecnologia tem um papel de destaque nesse processo, ao alterar a relação com a memória, pessoal e coletiva, tornando-a cada vez mais sofisticada, o que altera sua relação com o tempo (GASTAL, 2006). Lembrar não é apenas “[...] trazer à memória certa imagem de um acontecimento ou vivência, pelo contrário, é antes resultado de uma série de relações interpretativas em que o fato ou experiência presente em imagem se apresenta significativamente”.

Conforme Mangan (2010), é necessária a memória digital para que exista a memória virtual. No entanto, um registro digital somente possui significado como memória coletiva ou social caso se torne virtual. A virtualização do documento, nesse sentido, está atrelada a um processo comunicativo, ou seja, deve haver a divulgação daquele material, sendo que “[...] quando o privado se torna público e passível de reescrita coletiva, tem-se um registro de memória” (MANGAN, 2010, p. 183). No momento em que o documento digital se torna também virtual, ele passa a poder ser acessado por um número infinito de pessoas, dos mais distantes lugares do mundo. Nesse processo, segundo Mangan (2010), criam-se novos espaços de memória (virtuais), que atuam como repositórios de memória digital, socializando a informação através da internet.

Na concepção de Dodebei (2011), a reprodutibilidade parece ser necessária à permanência de uma memória, que é um recorte momentâneo do social. Ao agir sobre a memória, o ciberespaço reproduz e dinamiza suas representações, contribuindo para as construção de memórias virtuais, que são coletivas, interativas e processuais.

A memória virtualizada se apresenta de forma exteriorizada, como uma maneira de experimentar o mundo real através do virtual midiático e tecnológico (ROXO, 2011). Os dispositivos da web possibilitam a formação de comunidades, ou seja, grupos de pessoas que se unem devido a uma característica ou em torno de um objeto ou de um fenômeno pelo qual demonstram interesse. Como aponta Schttine (2009), a memória é feita por meio da interação entre o coletivo e o individual, sendo que na internet a questão das coletividades também tem espaço:

Se um número de pessoas possui algo em comum, rapidamente se reúnem “embaixo” de um www e formam uma comunidade. Os textos, informações e conteúdos que aparecerem na página desta comunidade fazem parte de uma memória coletiva. A memória é uma condição importante para a formação de uma comunidade, senão seriam apenas pessoas em torno de um objetivo (SCHTTINE, 2009, p. 160).

O ciberespaço nos possibilita a interação com pessoas que tenham interesses em comum conosco, além da oportunidade de compartilharmos com o outro os documentos que possuímos e que carregam consigo um pouco de nossa memória, ocorrendo assim a socialização de informações e de memória (MANGAN, 2010). Nesse processo, essa memória – inicialmente individual – adquire uma abrangência global, interagindo e passando a compor uma outra maior e mais multifacetada, que é a coletiva, da comunidade virtual da qual fazemos parte. Essa interação transforma as concepções de mundo, tanto do “eu” como do “outro”, pois entramos em contato com esses documentos que compõe a memória coletiva virtualizada.

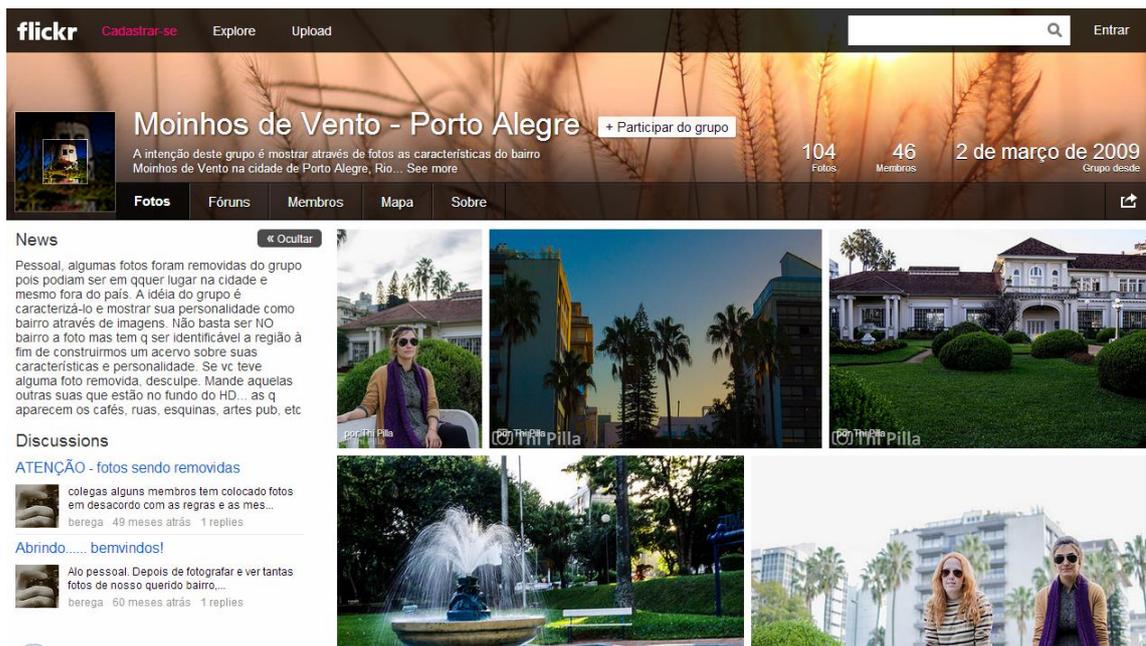
Essa memória também é composta por representações do espaço urbano. Assim, este opera como um catalisador social, pois possibilita que os lugares se manifestem a partir de frações da memória urbana virtual da cidade. A narrativa fotográfica se constitui em uma ação comunicativa e uma fração capaz de articular os saberes, as informações sobre a cidade e os seus lugares com a memória social e o contexto histórico e cultural.

AS FOTOGRAFIAS PARTILHADAS NO FLICKR E A CONSTRUÇÃO DE MEMÓRIAS DA CIDADE

O Flickr é um *site da web* que possibilita aos seus usuários hospedar e compartilhar fotografias, desenhos, gráficos e vídeos. Criado em 2004, o ambiente utiliza Ajax, está disponível no endereço www.flickr.com e é gratuito, qualquer pessoa pode ter acesso, embora seja necessário ter cadastro para publicar fotos. Além do título e da descrição das fotos, o gerenciamento do *site* é interativo, permitindo aos usuários também classificar as fotos por intermédio da atribuição de *tags*,² que auxiliam na posterior localização das fotografias, bem como comentar as suas próprias fotos e as dos outros (FLICKR, 2014). Os usuários podem criar álbuns para hospedarem suas fotografias, e também participarem de grupos com interesses em comum, permitindo que o compartilhamento delas seja organizado em torno de uma temática específica.

² *Tags* são palavras, siglas ou códigos pessoais atribuídos pelos usuários aos recursos da *web*, de maneira livre e de acordo com a sua conveniência (LACERDA; VALENTE, 2007).

Figura 1 – Layout do grupo Moinhos de Vento – Porto Alegre, do Flickr.



Fonte: Moinhos de Vento – Porto Alegre.

Entre os vários grupos, há alguns que reúnem fotografias de espaços geográficos. Neste estudo, realizado em julho de 2014, analisamos as fotografias compartilhadas no *Moinhos de Vento – Porto Alegre* (Figura 1) – um grupo público criado e administrado por Rodrigo Beheregaray, que se propõe a “[...] mostrar, através de fotos, as características do bairro Moinhos de Vento na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil” (MOINHOS DE VENTO – PORTO ALEGRE).³ Criado em 2 de março de 2009, é formado por pessoas que moram, trabalham ou possuem interesses pelo bairro. A afetividade entre os membros participantes com o bairro é enfatizada pelo administrador:

Alô pessoal. Depois de fotografar e ver tantas fotos de nosso querido bairro, com tanto assunto nele a ser registrado, resolvi fazer essa homenagem de criar este grupo do Moinhos de Vento. Incrivelmente ainda não havia um grupo aberto para postar com essa temática aqui no Flickr. Assim, pra puxar um papo, coloquem aqui o que mais gostam do bairro, o que acham mais relevante nele para ser registrado, etc. Abraço Rodrigo. (BEHEREGARAY, 2009a⁴).

A partir da colocação do criador do grupo, notamos que o seu propósito está relacionado com o afeto dos cidadãos com o lugar, destacado em expressões como “nosso querido bairro” e “que mais gostam do bairro”. O grupo possibilita que os usuários dialoguem e troquem experiências, perspectivas e informações sobre o bairro. Nesse sentido, o Flickr auxilia no fortalecimento do vínculo identitário entre os seus membros, pois ao fazer circular as imagens fotográficas, dinamiza e reativa as lembranças sobre o bairro, configurando-se como um lugar de memória.

³ Documento eletrônico, sem paginação.

⁴ Documento eletrônico, sem paginação.

Na data de coleta dos dados, o grupo possuía 46 membros e 104 documentos compartilhados, sendo 103 fotos e 1 vídeo. Analisamos as fotos com a finalidade de verificar quais elementos do cenário do bairro são destacados. Outras informações complementares também foram utilizadas na análise, como os títulos das fotografias, as *tags* atribuídas a elas e os comentários dos usuários.

Das 103 fotos, 37 são do Parque Moinhos de Vento – ou “Parcão”, como é popularmente conhecido. Localizado no centro do bairro, é o mais conhecido da região, sendo ponto de encontro para lazer, atividades físicas, entre outros eventos que dinamizam a vida no bairro. As fotos registram diversos elementos que caracterizam o local – seus bancos, a ponte que une os dois lados do parque (que é dividido por uma avenida), seu lago e suas árvores. Em várias fotos, percebemos a presença de pessoas, principalmente sentadas em bancos, sozinhas ou acompanhadas – o que fortalece a concepção do lugar como um espaço de lazer e de sociabilidade. Em especial, percebe-se um destaque às duas construções do local, símbolos do bairro, as quais são a réplica de um moinho açoriano (Fotografia 1), que é público e significativo na história do local. Ele aparece em 15 fotos; e o Monumento a Castelo Branco, presente em 7 fotos.

Fotografia 1 – Moinho do Parque Moinhos de Vento.



Fonte: lochims (2011).

Outro espaço recorrente nas fotos é a Estação de Tratamento de Água (ETA) do Departamento Municipal de Águas e Esgotos (DMAE), popularmente conhecida como “Hidráulica Moinhos de Vento”. São 17 fotos que registram o local, sendo que 5 delas destacam a grande torre hidráulica que há no lugar. Além da torre, também há fotos de jardins, de flores, de bandeiras, de bancos, de luminárias, do chafariz, do prédio principal e dos decantadores d’água.

Várias fotos mostram as ruas do bairro, suas calçadas, comércios, casas, árvores, entre outros elementos. O bairro também é conhecido pelos seus casarões antigos. Hoje, há uma polêmica em torno deles, pois a especulação imobiliária tem interesse em demoli-los para construir edifícios novos no lugar. Entretanto, há moradores que resistem à demolição, pois desejam manter os traços “originais” do local. A esse respeito, Bissón (2009) explica que os preservacionistas trabalham no sentido de conscientizar os moradores “mais antigos” do bairro para que defendam o patrimônio arquitetônico do local. Dentre esse conjunto de casas, a que mais aparece, em cinco fotos, está situada na rua Santo Inácio (Fotografia 2).

Fotografia 2 – Antiga casa na rua Santo Inácio.



Fonte: Beheregaray (2009b).

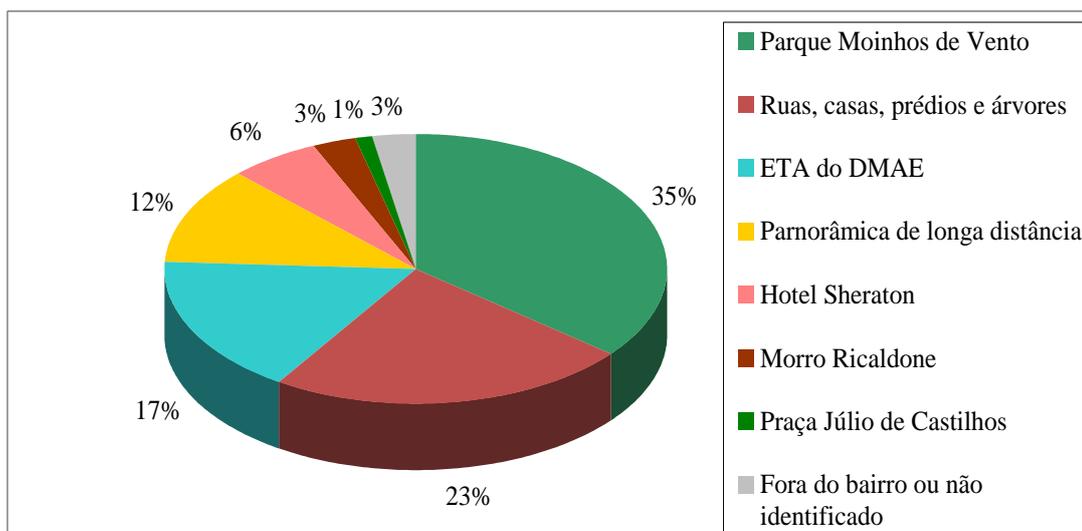
Além dos prédios históricos, os edifícios modernos e “arrojados” também têm visibilidade nas fotos, como o Hotel Sheraton, presente em 6 fotos, visto sob vários ângulos diferentes. Como indica Bissón (2009), o Moinhos é um mix de “tradição e modernidade”, sendo que Jodelet (2005) salienta que a materialização das narrativas que compõem a memória é formada por materiais do passado e do presente. No caso das fotos do bairro, memórias do passado e do presente mesclam-se através da preservação dos prédios antigos com os novos, testemunhas da história do local.

Também identificamos fotos que dão visibilidade a outros espaços do bairro, como as longas escadarias do morro Ricaldone – que atualmente encontra-se fechado devido a problemas de violência urbana. Embora o imaginário sobre o lugar seja construído pelo seu passado e pelas suas riquezas – grandes casarões e belos espaços de sociabilidade frequentados predominantemente pela elite da cidade –, observa-se que, hoje, o lugar da cidade convive com os problemas sociais característicos das grandes aglomerações urbanas. No conjunto das fotos, há uma fotografia⁵ que revela essa contradição: ela mostra um mendigo sentado em um banco da praça Júlio de Castilhos.

Percebemos alguns registros das fotos do Moinhos de Vento que possuem um enquadramento do alto, de cima, das janelas dos grandes edifícios. Algumas são fotografadas de prédios de locais próximos, de onde são vistas diversas edificações do bairro, com vista panorâmica de longa distância. Entre as fotos compartilhadas, duas não apresentavam cenários do lugar, e sim de outras regiões da cidade. Além dessas, uma foto não possibilitava a identificação do lugar fotografado nem havia qualquer informação como título, comentários ou tags. O Gráfico 1 apresenta os percentuais de ocorrência dos lugares representados nas fotos compartilhadas no grupo.

⁵ O autor não respondeu e-mail autorizando a reprodução da fotografia.

Gráfico 1 – Locais Representados nas fotografias do grupo *Moinhos de Vento – Porto Alegre*.



Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados da pesquisa.

O grupo *Moinhos de Vento – Porto Alegre* se configura como um espaço de representações, ao possibilitar o compartilhamento de fotografias que tratam do bairro. Trata-se de um ambiente interativo, através do qual os cidadãos podem partilhar uns com os outros os seus múltiplos olhares sobre a cidade. Para Nogueira (2009), a narrativa fotográfica incorpora os processos intersubjetivos, emocionais e afetivos, pois traz imagens reais da própria história de vida do narrador. As fotografias disponibilizadas no espaço virtual, a partir da sua operacionalidade, potencializam a construção de uma memória coletiva do bairro. O grupo analisado, nesse sentido, constitui uma memória virtual do espaço urbano, um ponto de encontro que rememora e articula imagens cotidianas da vida no bairro.

A construção da memória virtual alimenta com imagens as informações sobre o bairro e a cidade, estabelecendo a ligação social entre o passado e o presente, projetando também perspectivas de futuro. Ao realizar o reencontro das representações, dos significados e seus fragmentos, essa memória ajuda a situar e identificar os diferentes grupos sociais na manutenção de um sentimento de pertença a sua identidade cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O compartilhamento das fotografias do grupo *Moinhos de Vento* dinamiza as imagens sobre o bairro, despertando sentimentos, sonhos e lembranças, reativando os próprios esquecimentos. As imagens captadas através das fotos que circulam no Flickr sobre o bairro e a cidade possibilitam que os cidadãos realizem interconexões. Compartilhando no ambiente virtual suas fotografias, os usuários partilham suas visões sobre o lugar, o que está diretamente relacionado com suas experiências e memórias. Porto Alegre é identificada por seus cenários, acontecimentos, personagens, mitos e percepções, que fundem as memórias individuais à coletiva. Desse modo, as narrativas visuais do grupo *Moinhos de Vento – Porto Alegre* potencializam a construção da memória virtual do bairro.

As apropriações e os usos das tecnologias de informação e comunicação são crescentes na atualidade. Através delas se potencializa a produção do conhecimento em rede, pois as interconexões com outras redes sociais ativam o compartilhamento das experiências, das lembranças, das utopias e as interações com os outros. A partilha das fotos da cidade via Flickr possibilita acessibilidade e visibilidade da memória virtual do bairro e da cidade. Entretanto, o caso analisado, do grupo *Moinhos de Vento – Porto Alegre*, é um entre os vários ambientes virtuais que se encontram disponíveis livre e gratuitamente.

O registro fotográfico mostra as múltiplas memórias que se entrecruzam e constituem o ambiente urbano. A narrativa fotográfica, por meio dos conteúdos das informações que circulam nas imagens, realiza a mediação dos sentidos que sustentam as representações sobre Porto Alegre ancoradas nos imaginários instituídos da cidade e na identidade cultural dos seus cidadãos. Os ambientes em redes virtuais não rompem com a concepção da memória social oficial ou enquadrada, mas ajudam a perpetuá-la.

A variedade de leituras que fazemos da cidade fica evidente quando percebemos a multiplicidade de enquadramentos que revelam as fotografias do ambiente urbano. Essa diversidade de representações sobre Porto Alegre povoa o imaginário do local e, ao ser compartilhada no ambiente virtual, atribui valores simbólicos a alguns elementos do espaço urbano, que, em outro contexto, teriam apenas valor utilitário. Seja um moinho, uma estátua, um casarão antigo, uma ponte ou, até mesmo, os bancos da praça, os diversos elementos da cidade são ressignificados pelo transeunte em sua interação com o ambiente urbano, dão sentido ao local e, assim, passam a compor a memória da cidade, seja ela real ou virtual.

Artigo recebido em 16/03/2015 e aprovado em 09/09/2015.

REFERÊNCIAS

- ARARIPE, F. M. A. Do patrimônio cultural e seus significados. *Transinformação*, Campinas, v. 16, n. 2, p. 111-122, maio/ago. 2004.
- ASSMANN, A. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Ed. Unicamp, 2011.
- BEHEREGARAY, R. *Abrindo... bem-vindos!* [Mensagem em lista de discussões]. 2009a. Disponível em: <www.flickr.com/groups/moinhospoa/discuss/72157614657354293/>. Acesso em: 3 jul. 2014.
- _____. *Filmagem do curta A maldita*. 2009b. 1 fotografia. Disponível em: <www.flickr.com/photos/berega/3682102966/in/pool-moinhospoa/>. Acesso em: 22 jun. 2014.
- BISSÓN, C. A. *Moinhos de Vento: histórias de um bairro de Porto Alegre*. 2. ed. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura: IEL, 2009.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: a arte de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHOAY, F. *A alegoria do patrimônio*. 3. ed. São Paulo: Estação Liberdade: Ed. Unesp, 2006.

- CORREIA, J. C. *Comunicação e cidadania: os media e a fragmentação do espaço público nas sociedades pluralistas*. Lisboa: Livros Horizonte, 2004.
- DODEBEI, V. Cultura digital: novo sentido e significado de documento para a memória social? *DataGramaZero: revista de ciência da informação*, v. 12, n. 2, p. 1-12, abr. 2011.
- FLICKR. Disponível em: <www.flickr.com>. Acesso em: 22 jun. 2014.
- GASTAL, S. *Alegorias urbanas: o passado como subterfúgio*. São Paulo: Papirus, 2006.
- GONDAR, J. Quatro proposições sobre memória social. In: GONDAR, J. ; DODEBEI, V. (Org.). *O que é memória social?* Rio de Janeiro: Contracapa: Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005.
- IOCHIMS, M. *Parque Moinhos de Vento (Parcão) – Porto Alegre, RS – Brazil*. 2011. 1 fotografia. Disponível em: <www.flickr.com/photos/miochims/6411794463/in/pool-moinhospoa>. Acesso em: 22 jun. 2014.
- JODELET, D. *Loucuras e representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- LACERDA, J. A. C.; VALENTE, P. G. A emergência em sistemas baseados em folksonomias. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 59-67, jul./dez. 2007.
- LEFÈBVRE, H. *La Presencia y la ausencia: contribución a la teoría de las representaciones*. México: Fondo de Cultura Económica, 1983.
- MAFFESOLI, M. O poder dos espaços de celebração. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, p. 59-70, jan./mar. 1994.
- MANGAN, P. K. V. Construção de memórias digitais virtuais no ciberespaço. In: FRANÇA, M. C. C. C.; LOPES, C. G.; BERND, Z. (Org.). *Patrimônios memoriais: identidades, práticas sociais e cibercultura*. Porto Alegre: Movimento; Canoas: Unilasalle, 2010.
- MARTINS, J. S. A fotografia e a vida cotidiana: ocultações e revelações. In: _____. *Sociologia da fotografia e da imagem*. São Paulo: Contexto, 2008.
- MOINHOS DE VENTO – PORTO ALEGRE. [Grupo do Flickr]. Disponível em: <www.flickr.com/groups/moinhospoa/>. Acesso em: 22 jun. 2014.
- NOGUEIRA, M. A. L. A cidade imaginada ou o imaginário da cidade. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 5, n. 1, p. 115-123, mar./jun. 1998.
- POMIAN, K. Memória. In: ENCICLOPÉDIA Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 2000. v. 42, p. 507-516.
- PORTO ALEGRE. Urbanismo. *Moinhos de Vento*. Disponível em: <www2.portoalegre.rs.gov.br/spm/default.php?reg=47&p_secao=131>. Acesso em: 19 maio 2014.
- ROXO, L. C. Memória e imaginação: o passado e o futuro convergindo em imagem. In: BERND, Z.; SANTOS, N. M. W. (Org.). *Bens culturais: temas contemporâneos*. Porto Alegre: Movimento, 2011. p. 34-56.
- SCHTTINE, D. V. Memória virtual: construção de arquivos e instrumentação de leitores na internet. *Artefactum: revista de estudos em linguagem e tecnologia*, v. 2, n. 3, p. 152-171, jul. 2009.

VANNINI, P. A. La cultura de las TICs. In: AMEIGEIRAS, A.; ALEM, B. (Org.). *Culturas populares y culturas masivas: los desafíos actuales a la comunicación*. Buenos Aires: Universidad Nacional de General Sarmiento: ImagoMundi, 2011.

VIEIRA, C. B. M. Fotografia: o registro de uma realidade visível ou apenas um pretexto para se fazer fotografias? In: ENCONTRO HISTÓRIA, IMAGEM E CULTURA VISUAL, 2., 2013, Porto Alegre. *Anais Eletrônicos...* Porto Alegre: Anpuh-RS, 2013.